

A realização dos pronomes *nós* e *a gente* na função de sujeito e nas funções de complemento e adjunto na cidade de Maceió/AL

*The achievement of the pronouns **nós** and **a gente** in function of subject and in functions of complement and adjunct in city Maceio/AL*

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória¹

¹ Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e professora da UFAL – Campus Sertão.
E-mail: elyne.vitorio@gmail.com

RESUMO: A presente pesquisa focaliza a variação *nós* e *a gente* na função de sujeito e nas funções de complemento e adjunto na fala maceioense. Para tanto, recorreremos à Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972) e utilizamos o programa GoldVarb X para a análise estatística dos dados. De acordo com os resultados obtidos, verificamos que, na posição de sujeito, *a gente* é a variante selecionada, sendo favorecida nos seguintes contextos, a saber, morfema zero, *a gente* antecedido por *a gente*, sujeito preenchido, falantes menos escolarizados e falantes mais novos, revelando um processo de mudança em curso. Nas posições de complemento e adjunto, *nós* é a variante selecionada, com o pronome *a gente* sendo favorecido nos seguintes contextos, a saber, núcleo verbal, função sintática de (oblíquo) complemento, *a gente* antecedido por *a gente* em outras funções, falantes do sexo/gênero feminino e menos escolarizados.

PALAVRAS-CHAVE: Variação; Pronomes; Sujeito; Complemento; Adjunto.

ABSTRACT: This research focuses on the variation *nós* and *a gente* in functions of subject, complement and adjunct in the maceioense speech. For this propose, we resort the Variational Sociolinguistics (LABOV, 1972) and we use the software GoldVarb X for statistical analysis of data. According to the obtained results, we verify that, in the subject position, *a gente* is the preferred variant, being favored in the following contexts, namely, zero morpheme, *a gente* prefaced by *a gente*, subject filled, less educated speakers and younger speakers, revealing an ongoing process of change. In complement and adjunct positions, *nós* is the selected variant, with *a gente* pronoun being favored in these contexts, namely, verbal core, syntactic function of (oblique) complement, *a gente* prefaced by *a gente* in other functions, speakers of the female sex/gender and less educated.

KEYWORDS: Variation; Pronouns; Subject; Complement; Adjunct.

Introdução

Pesquisas linguísticas realizadas sob o arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972) têm permitido, desde a década de 1970, descrever diferentes fenômenos linguísticos variáveis nos níveis fonético-fonológico, morfossintático, discursivo e lexical em diversas variedades do português brasileiro. No entanto, há regiões em que tais descrições são incipientes ou mesmo inexistentes, é o caso, por exemplo, da região Nordeste, mais especificamente do estado de Alagoas, que conta com poucas pesquisas sobre a descrição de fenômenos linguísticos variáveis.

Tentando suprir essa lacuna, focalizamos, neste trabalho, a análise das realizações das formas pronominais de referência à primeira pessoa do plural nas funções de sujeito, complemento e adjunto na cidade de Maceió/AL. Nosso objetivo é descrever o uso variável dos pronomes *nós* e *a gente* na posição de sujeito e nas posições de complemento e adjunto, tencionando traçar o perfil sociolinguístico dos falantes maceioenses em relação ao uso dessas variantes e, dessa forma, desvendar o caminho através do qual a variante inovadora *a gente* gradativamente se espalha pelo quadro dos pronomes do português brasileiro.

Para tanto, realizamos uma análise quantitativa dos dados com o intuito de responder às seguintes questões: qual a frequência de uso de *nós* e *a gente* na função de sujeito e nas funções de complemento e adjunto? Que fatores linguísticos e/ou sociais condicionam o uso de *a gente* nessas funções sintáticas? Há contextos sintáticos que inibem a entrada da variante inovadora? Em relação à variação *nós* e *a gente* na função de sujeito e nas funções de complemento e adjunto, estamos diante de mudanças em curso? Nossa hipótese é de que o pronome inovador tem ocupado o espaço de *nós* na posição de sujeito e já começa a se implementar nas funções de complemento e adjunto, sendo condicionado por restrições linguísticas e sociais.

Para a análise dos dados, não só recorreremos à Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972) e utilizamos o programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), como também levantamos todas as realizações de *nós* e *a gente* na função sintática de sujeito e nas funções sintáticas de complemento e adjunto, a partir de uma amostra composta por 72 entrevistas de falantes maceioenses, coletada no ano de 2010 e estratificada segundo as variáveis sexo/gênero – homens e mulheres, faixa etária – F1 (15-29 anos), F2 (30-44 anos) e F3 (acima de 44 anos) e escolaridade – Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior.

Nosso trabalho está organizado da seguinte forma: na próxima seção, apresentamos os trabalhos que serviram de base para o desenvolvimento deste estudo, em seguida, descrevemos os resultados obtidos para a variação *nós* e *a gente* na função de sujeito, mostrando não só os dados da variável dependente, mas também das variáveis independentes estatisticamente significativas. Em seguida, descrevemos os resultados obtidos para a variação *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto, mostrando não só os dados da variável dependente, mas também dos grupos de fatores estatisticamente significativos, e, por fim, procedemos as nossas considerações finais.

1 Variação *nós* e *a gente* no português brasileiro

O quadro tradicional de pronomes apresentado na maior parte das gramáticas brasileiras e na maioria dos manuais didáticos que servem de modelo para o ensino de língua portuguesa elege apenas o pronome reto *nós*, os pronomes oblíquos *nos* e *conosco* e os pronomes possessivos *nosso(a)(s)* para a referência à primeira pessoa do plural. O pronome *a gente* e suas variantes, consagrados pelo uso linguístico, aparecem em notas de

rodapé ou comentários adicionais, relacionados sempre ao uso da linguagem coloquial (LOPES, 2011; 2012; MARCOTULIO; PINHEIRO; ASSIS, 2015).

No entanto, a implementação da expressão *a gente* no quadro pronominal do português brasileiro, segundo Omena (1996; 2003) e Lopes (2002; 2004), iniciou-se entre os séculos XVII e XVIII e originou-se da forma nominal *gente*, que, ao passar por um processo de gramaticalização do nome *gente* para o pronome *a gente*, perde o traço formal de número, perde o traço formal de gênero [+ feminino], passando a se relacionar a adjetivos tanto no masculino quanto no feminino e ganha o traço [+ pessoa].

Encaixado no sistema linguístico do português brasileiro, estudos sociolinguísticos mostram que *a gente* não só tem ocupado o espaço de *nós* para a referência à primeira pessoa do plural na posição de sujeito, como em *Nós estudamos sintaxe/A gente estuda sintaxe*, como também começa a se implementar nas posições de complemento e adjunto, como em *O menino nos atendeu/O menino atendeu a gente* e *O nosso trabalho foi um sucesso/O trabalho da gente foi um sucesso*.

Em relação à variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito, pesquisas sociolinguísticas (OMENA, 2003; LOPES, 1998, 2004; SEARA, 2002; FERNANDES, 2004; ZILLES, 2007; MAIA, 2009; TAMANINE, 2010; FRANCESCHINI, 2011; SANTOS, 2014; RUBIO, 2014; VITÓRIO, 2015, entre outros) mostram que *a gente* é a variante preferida nas variedades brasileiras, sendo essa variação condicionada pelas variáveis paralelismo formal e discursivo, determinação do referente, tempo verbal, saliência fônica, preenchimento do sujeito, faixa etária, sexo/gênero e escolaridade.

Quanto à realização de *a gente*, esses estudos tendem a mostrar que a forma inovadora é mais frequente quando há menor diferença fônica entre as formas verbais, quando o traço do referente é [+ indeterminado], em formas verbais menos marcadas, quando o verbo se encontra na terceira pessoa do singular, quando o sujeito pronominal é preenchido, entre os falantes

do sexo/gênero feminino, menos escolarizados e nas faixas etárias mais jovens, configurando-se, assim, uma mudança em progresso nas variedades do português brasileiro.

No que diz respeito à variação *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto, estudos sociolinguísticos (OMENA, 1986; RAMOS; BEZERRA; ROCHA, 2009; TAMANINE, 2010; VIANNA; LOPES, 2012, 2013; ARAÚJO; ALMEIDA, 2014, entre outros) mostram que *a gente* pronominal, variante preferida na posição de sujeito, também se encontra em competição com as formas do paradigma do pronome *nós*, sendo mais frequente no interior do sintagma verbal, ao passo que, no interior do sintagma nominal, as formas do paradigma de *nós* ainda se mantêm produtivas.

Omena (1986), ao analisar a variação na referência à primeira pessoa do plural na fala carioca não culta, mostra que o pronome inovador *a gente* é mais frequente nas funções sintáticas de adjunto adverbial, sujeito e complemento, apresentando, respectivamente, percentuais de 84%, 73% e 72%. Na função sintática de adjunto adnominal, entretanto, ainda há o predomínio do pronome possessivo *nosso(a)*, mas *a gente* já começa a ganhar espaço, apresentando um percentual de 14%.

Vianna e Lopes (2012), ao analisarem outras portas de entrada do pronome *a gente*, descrevem a variação *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto e verificam que tal variação é condicionada pelas variáveis relações gramaticais, tipos de núcleo, paralelismo formal e semântico, faixa etária e escolaridade. Os resultados indicam que o uso de *a gente* nas funções de não sujeito tende a ser mais frequente no (oblíquo) complemento, no núcleo verbal, antecedido por *a gente* em outras funções sintáticas, entre os falantes mais jovens e do ensino médio, revelando uma mudança em curso.

É a partir desses estudos que descrevemos e analisamos a variação dos pronomes *nós* e *a gente* na função de sujeito e nas funções de complemento

e adjunto na fala maceioense¹. Nosso intuito é verificar o caminho através do qual a variante inovadora *a gente* adentra e se espalha pelo quadro pronominal do português brasileiro tomando por base a língua falada na cidade de Maceió, o que contribuirá para o mapeamento do perfil sociolinguístico das variedades brasileiras em relação a esses contextos variáveis (cf. VIANNA; LOPES, 2015).

2 Variação *nós* e *a gente* na função de sujeito

Para a descrição e análise da variação *nós* e *a gente* na função sintática de sujeito, como observamos em (1) e (2), não só partimos do pressuposto de que *a gente* é a variante preferida, como também que tal variação é condicionada pelas variáveis preenchimento do sujeito, determinação do referente, paralelismo formal, marca morfológica, sexo/gênero, faixa etária e escolaridade, o pronome inovador sendo mais frequente nos seguintes contextos, a saber, sujeito preenchido, referente com traço [+ indeterminado], *a gente* antecedido por *a gente*, morfema zero, entre os falantes do sexo/gênero feminino, da faixa etária mais jovem e da escolaridade mais baixa.

- (1) boa boa a parte turística boa muito turista só que exige aqui uma estrutura – *nós* num temos aqui um chuveiro pro turista pra tomar banho. (L14L2001)
- (2) *a gente* tomou banho de rio Ø ficou numa barracquinha – uma barraca que tem lá – depois *a gente* veio pra casa já. (L24L3361)

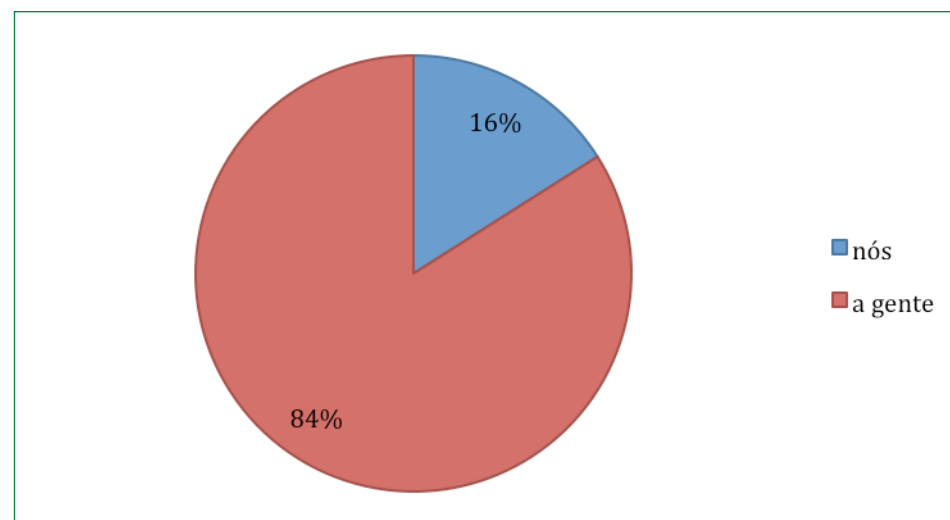
2.1 Variável dependente

Após a análise e rodada dos dados, obtivemos um total de 624 realizações dos pronomes *nós* e *a gente* na posição de sujeito na fala maceioense,

¹ Esta pesquisa faz parte do projeto *A Língua usada em Alagoas*, cadastrado e aprovado no Comitê de Ética da Universidade Federal de Alagoas, com o número do protocolo 1.073.208.

que estão distribuídas da seguinte forma: 100 realizações do pronome *nós* e 524 realizações do pronome *a gente*. Esses dados não só representam percentuais de 16% de *nós* versus 84% de *a gente*, conforme observamos no **Gráfico 1**, como também mostram que *a gente* é a forma pronominal preferida entre os falantes maceioenses para representar a primeira pessoa do plural na posição sintática de sujeito, confirmando a nossa hipótese de trabalho.

Gráfico 1 – Percentuais de *nós* e *a gente* na função de sujeito



Esses resultados também vão ao encontro dos estudos sociolinguísticos que mostram a preferência do pronome inovador *a gente* na posição de sujeito nas variedades do português brasileiro (LOPES, 1998; SEARA, 2002; OMENA, 2003; FERNANDES, 2004; MAIA, 2009; TAMANINE, 2010; FRANCESCHINI, 2011; RAMOS; BEZERRA; ROCHA, 2009; SANTOS, 2014; RUBIO, 2014). Em

relação aos grupos de fatores potencialmente relevantes na variação em análise, cinco foram considerados estatisticamente significativos, seguindo a ordem de relevância do GoldVarb X: marca morfêmica, paralelismo formal, preenchimento do sujeito, escolaridade e faixa etária.

2.2 Marca morfêmica

A primeira variável linguística estatisticamente significativa diz respeito à concordância verbal estabelecida com os pronomes *nós* e *a gente*. Um aspecto evidenciado no processo de gramaticalização do pronome *a gente* refere-se ao fato de que esse pronome, além de manter o traço formal de terceira pessoa, também está associado semanticamente com o morfema do verbo no plural, visto apresenta um *eu*, pessoa que fala, somado a outras pessoas, evidenciando, assim, um plural associativo. Logo, *a gente* apresenta traços discursivos de 1PP e traços gramaticais de 3PS.

De acordo com os dados analisados, observamos duas possibilidades de concordância verbal com as formas pronominais *nós* e *a gente*, a saber, *nós* e *a gente* + P4 (morfema *-mos*), como observamos em (3) e (4), e *nós* e *a gente* + P3 (morfema zero), como observamos em (5) e (6). Para a descrição e análise dos dados, consideramos os fatores *morfema -mos* e *morfema zero* e partimos do pressuposto de que o fator *morfema zero* favorecerá mais a realização de *a gente*, uma vez que a forma gramaticalizada tende a manter o traço formal de terceira pessoa (LOPES, 2004; 2011).

(3) – é de dois em dois anos *nós fazemos* reciclagem desse curso. (L12L1781)

(4) eu acho que *a gente* hoje *temos* o melhor prefeito que tem na história de Maceió. (L3L363)

(5) – com três tiros na cabeça é o que *nós* até agora *ficou* sabendo. (L9L1284)

(6) *a gente* faz todo o serviço burocrático – atendimento ao público. (L53L4688)

Tabela 1 – Realização de *a gente* na variável marca morfêmica

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Morfema <i>-mos</i>	30/126	24	.03
Morfema zero	494/498	99	.81

De acordo com os resultados obtidos, observamos que o fator *morfema zero* favorece o uso de *a gente*, confirmando a nossa hipótese de que *a gente* é preferencial com o verbo na terceira pessoa do singular – 99% *versus* 24% com o verbo na primeira pessoa do plural. Os pesos relativos confirmam os resultados percentuais, mostrando que o fator *morfema -mos* tende a inibir a realização de *a gente* – .03, ao passo que o fator *morfema zero* mostra-se como um fator altamente favorecedor do uso dessa variante – .81. Esses resultados revelam que *a gente* tende a manter o traço formal e original de terceira pessoa concernente ao nome coletivo *gente*.

Esses dados também corroboram os estudos sociolinguísticos que mostram que, nas variedades brasileiras, a variante inovadora *a gente* é mais utilizada com o verbo na terceira pessoa do singular – *morfema zero* (cf. RUBIO, 2014). Além disso, esses dados também apresentam que a concordância verbal com *a gente* mais P3 evidencia que formas gramaticalizadas não perdem inteiramente as suas propriedades originais, dessa forma, *a gente* mantém a possibilidade de concordância verbal com a terceira pessoa do singular e a pluralidade inerente ao nome coletivo *gente*.

2.3 Paralelismo formal

Entendido como a tendência de o falante repetir uma mesma forma em uma dada sequência discursiva (cf. OMENA, 1996, 2003), o que significa considerar que a escolha da primeira forma pronominal condiciona os usos das formas subsequentes, desencadeando, assim, uma série de repetições da mesma forma pronominal, seja essa forma nula ou preenchida, o grupo de

fatores paralelismo formal foi considerado pelo programa GoldVarb X como a segunda variável linguística estatisticamente significativa na variação em estudo.

Para a análise desta variável, não só consideramos os seguintes fatores, a saber, realização isolada, como observamos em (7), primeiro da série, como observamos em (8), antecedido por *nós*, como observamos em (9), e antecedido por *a gente*, como observamos em (10), como também partimos do pressuposto de que, na fala maceioense, a variante inovadora *a gente* tende a ser mais frequente no contexto *a gente* antecedido por *a gente*.

- (7) porque *a gente* tá vendo que ele tá trabalhando – você anda em qualquer canto de Maceió você vê obras – e Maceió agora tá diferente. (L12L1707)
- (8) – tá entendendo – num tem essa segurança – às vezes *a gente* quer trabalhar até mais tarde um pouquinho \emptyset num consegue – \emptyset num pode trabalhar – você não pode – eu tô aqui sozinha /mais, mas/ eu tô ligada. (L20L2878)
- (9) eu trabalho num hospital que foi agora municipalizado e *nós* não temos um comprimido pra dor – tudo que *nós* temos lá é injetável e isso é um absurdo. (L14L1980)
- (10) *a gente* merecia muito mais *a gente* num tem um policiamento aqui de dia e de noite *a gente* tem um certo receio por conta de que *a gente* tem medo o índice de ladrão aqui é muito grande. (L14L2060)

Tabela 2 – Realização de *a gente* na variável paralelismo formal

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Realização isolada	111/132	84	.26
Primeiro da série	105/124	85	.27
Antecedido por <i>nós</i>	13/63	21	.02
Antecedido por <i>a gente</i>	295/305	97	.82

De acordo com os resultados obtidos, observamos um percentual de 97% para o fator antecedido por *a gente* e um peso relativo de .82, mostrando que esse fator constitui um contexto que condiciona sobremaneira o uso da variante inovadora. Esses dados mostram que os falantes, ao utilizarem a variante *a gente*, tendem a repeti-la na mesma sequência discursiva, como observamos em (11). De maneira oposta, quando a referência à primeira pessoa é antecedida por *nós*, como observamos em (12), a tendência é que haja baixa realização de *a gente*, apresentando, assim, um percentual de 21% e um peso relativo de .02.

- (11) *a gente* ficou aqui olhando – os cara cirmado e *a gente* desconfiando dos cara – \emptyset chamou a polícia a polícia veio – o cara nem tinha assaltado quando *a gente* chamou – passou parece que uma hora e quarenta minutos – quando chegou num tinha nem mais graça – só pra interrogar e botar pra lá né? (L18L2673)
- (12) hoje *nós* não temos mais os organismos que repreendiam né? os organismos hoje *a gente* num confia mais neles. (L70L8742)

No que diz respeito aos fatores realização isolada e primeiro da série, também verificamos que são contextos linguísticos que tendem a desfavorecer a realização da variante inovadora na fala maceioense. No fator realização isolada, como observamos em (13), obtivemos um percentual de 84% e um peso relativo de .26, e, no fator primeiro da série, como observamos em (14), obtivemos um percentual de 85% e um peso relativo de .27.

- (13) aqui ainda é mais desenvolvido porque as pessoas são mais conhecidas aqui do salão /mais, mas/ em salão *a gente* nem conta com as pessoas que moram perto e sim as pessoas que moram longe em outro lugar que vem aqui pro salão. (L16L2244)
- (14) – o que me agrada – é tudo assim praticamente tudo mais as coisas que *a gente* vive no dia a dia – \emptyset fica habitado a gente tá habitado num ambiente \emptyset conhece vários locais – praias assim perto. (L3L342)

Os resultados obtidos confirmam a nossa hipótese de que há uma tendência de maior uso da variante inovadora em contextos em que a forma antecedente, em uma dada sequência discursiva, seja o próprio pronome *a gente*, corroborando, assim, os estudos sociolinguísticos que mostram que, nas variedades do português brasileiro, *a gente* tende a ser mais frequente em contextos de paralelismo formal (OMENA, 1996; LOPES, 1998; FERNANDES, 2004; RAMOS; BEZERRA; ROCHA, 2009; TAMANINE, 2010; VITÓRIO, 2015; MENDONÇA, 2016).

2.4 Preenchimento do sujeito

A terceira variável linguística selecionada na variação *nós* e *a gente* na função de sujeito na fala maceioense diz respeito à expressão plena ou expressão nula do sujeito pronominal. Entendemos por expressão plena quando as formas pronominais *nós* e *a gente* são expressas foneticamente na indicação da primeira pessoa do plural e por expressão nula quando tais pronomes são indicados por meio da desinência verbal (*-mos* ou \emptyset) sem que haja foneticamente a realização dessas formas pronominais (cf. LOPES, 1998; OMENA, 2003).

Para a descrição e análise dos dados, não só consideramos os fatores expressão plena, como observamos em (15), e expressão nula, como observamos em (16), como também partimos do pressuposto de que o fator expressão plena favorecerá mais a realização da variante inovadora na fala maceioense, tendo em vista que *a gente* tende a acompanhar o verbo na terceira pessoa do singular, como observamos em (17). Essa forma verbal, em determinados contextos, promove ambiguidade de referente, por ser utilizada junto a uma vasta gama de pronomes pessoais, assim a realização fonética de *a gente* favorece a desambiguação em relação às outras pessoas do discurso.

- (15) quando *nós* não tínhamos o armazém *a gente* tinha um descanso/ mais, mas/ depois que *nós* abrimos o armazém é vinte e quatro horas no ar. (L36L4892)
- (16) *a gente* sai de casa \emptyset faz uma oração \emptyset pede muita proteção porque o índice de violência ele aumentou bastante *a gente* pode perceber no nosso dia a dia. (L30L4065)
- (17) *a gente* tem um armazém de construção e tem um ano que *a gente* abriu/ mais, mas/ assim novo no comércio porque *a gente* não mexia nada. (L36L4781)

Tabela 3 – Realização de *a gente* na variável preenchimento do sujeito

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Expressão plena	437/497	88	.79
Expressão nula	87/127	68	.41

De acordo com os resultados obtidos, verificamos que *a gente* é mais frequente quando o sujeito pronominal é realizado foneticamente, apresentando um percentual de 88% para o fator expressão plena *versus* 68% para o fator expressão nula. Os pesos relativos confirmam os resultados percentuais, uma vez que o fator expressão plena favorece a realização de *a gente* – .79, ao passo que o fator expressão nula tende a desfavorecer seu uso – .41. Esses dados confirmam a tendência de que *a gente* é mais frequente quando foneticamente realizado, uma vez que a ausência de marca flexional do sujeito no verbo não serve para identificar a pessoa do discurso (LOPES, 1998; FERNANDES, 2004; SANTOS, 2014; VITÓRIO, 2015).

2.5 Escolaridade

Selecionada como a primeira variável extralinguística relevante na variação em estudo, a variável escolaridade constitui um fator social significativo na manutenção ou exclusão de formas gramaticais, mostrando

que pessoas mais escolarizadas tendem a usar mais as formas prescritas nos manuais normativos, o que nos leva a seguinte correlação: maior escolaridade, maior uso das formas padrão; menor escolaridade, menor uso das formas padrão (VOTRE, 2003). Desse modo, partimos do pressuposto de que o pronome inovador *a gente* diminuirá o seu percentual de uso à medida que aumenta o nível de escolarização dos falantes e consideramos os seguintes níveis de escolarização, a saber, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior:

Tabela 4 – Realização de *a gente* na variável escolaridade

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Ensino Fundamental	127/136	93	.71
Ensino Médio	156/181	86	.52
Ensino Superior	241/307	78	.38

De acordo com os resultados obtidos, confirmamos a nossa hipótese de que o aumento do nível de escolarização dos falantes diminui a realização da variante inovadora *a gente*, que apresenta percentuais de 93% para o ensino fundamental, 86% para o ensino médio e 78% para o ensino superior. A análise dos pesos relativos também mostra que, com o aumento do nível de escolarização, o pronome inovador tende a ser menos favorecido, indicando, assim, que os falantes do ensino fundamental favorecem a realização de *a gente* – .71, os falantes do ensino médio apresentam um comportamento linguístico neutro, com um peso relativo de .52, enquanto que os falantes do ensino superior desfavorecem seu uso – .38.

2.6 Faixa etária

Considerada a última variável estatisticamente significativa na variação *nós* e *a gente* na função de sujeito na fala maceioense e caracterizada como

um grupo de fatores de grande relevância para os estudos sociolinguísticos, pois torna possível o esboço do estágio que uma regra variável desempenha, em tempo aparente, dentro do sistema linguístico, controlamos a variável faixa etária com o intuito de verificar se, na comunidade de fala estudada, estamos diante de um processo de variação estável ou de mudança em curso (cf. LABOV, 1994).

Dessa forma, se a variante inovadora é a forma pronominal mais utilizada, objetivamos analisar se a aplicação dessa variante é maior entre os falantes mais jovens. Para tanto, dividimos nossa variável em três fatores, a saber, F1 (15-29 anos), F2 (30-44 anos) e F3 (acima de 44 anos) e partimos do pressuposto de que a frequência de *a gente* é maior entre os falantes mais jovens diminuindo o seu percentual de uso à medida que aumenta a faixa etária dos falantes. Isso implica considerar que estamos diante de uma mudança em curso.

Tabela 5 – Realização de *a gente* na variável faixa etária

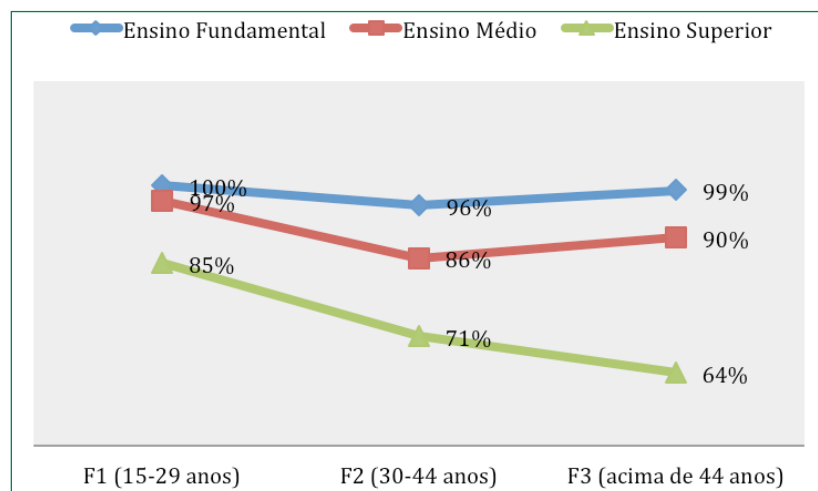
Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
F1 (15-29 anos)	157/161	97	.83
F2 (30-44 anos)	192/210	91	.57
F3 (acima de 44 anos)	175/253	69	.22

De acordo com os resultados obtidos, verificamos que, entre os falantes das F1 (15-29 anos) e F2 (30-44 anos), a produtividade de *a gente* foi bastante próxima, atingindo, respectivamente, percentuais de 97% e 91%, o que nos mostram que, entre os falantes mais jovens – F1 (15-29 anos), há um uso quase categórico da variante inovadora na fala maceioense. Entre os falantes mais velhos – F3 (acima de 44 anos), observamos também uma preferência pelo uso do pronome *a gente*, mas com um percentual menor de realização – 69%.

Quanto aos pesos relativos, observamos que enquanto os falantes das F1 (15-29 anos) e F2 (30-44 anos) tendem a favorecer a realização da variante inovadora, apresentando, respectivamente, pesos relativos de .83 e .57, os falantes da F3 (acima de 44 anos) tendem a desfavorecer o uso dessa variante, com um peso relativo de .22. Os resultados obtidos também mostram que, com o aumento da faixa etária dos falantes, há uma redução na aplicação da variante inovadora, revelando, assim, uma mudança em curso na comunidade estudada.

Ainda com intuito de verificar a atuação da variável faixa etária na variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito na fala maceioense, realizamos o cruzamento dessa variável com a variável escolaridade e verificamos, conforme observamos no **Gráfico 2**, que, em todas as faixas etárias, o aumento do nível de escolarização dos falantes diminui a realização da variante inovadora, mostrando, assim, que são os falantes do ensino superior de todas as faixas etárias que menos utilizam o pronome *a gente*, o que confirma que a escola é um fator social importante na manutenção da variante conservadora na comunidade estudada.

Gráfico 2 – Realização de *a gente* nas variáveis faixa etária e escolaridade



Esses dados também mostram um uso categórico da variante inovadora – 100% entre os falantes da F1 (15-29 anos) que possuem o ensino fundamental, indicando aqui uma mudança linguística já concluída, e um percentual de 99% entre os falantes da F3 (acima de 44 anos) que possuem o ensino fundamental, ao passo que entre os falantes da F3 (acima de 44 anos) que possuem o ensino superior, encontramos o menor percentual de uso de *a gente* – 64%. Os dados também parecem indicar que, entre os falantes do ensino fundamental e do ensino médio, há uma curva de estabilidade na variação em estudo, ao passo que, entre os falantes do ensino superior, temos, de acordo com Labov (1994), uma curva de mudança em progresso.

3 Variação *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto

Para a descrição e análise da variação *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto, como observamos em (18), (19), (20) e (21), não só partimos do pressuposto de que *a gente* preferido na função de sujeito começa a se implementar em outras funções sintáticas, como também que tal variação é condicionada pelas variáveis tipos de núcleo, relações gramaticais, paralelismo formal, determinação do referente, sexo/gênero, faixa etária e escolaridade, com a variante inovadora sendo mais frequente nos seguintes contextos: núcleo verbal, (oblíquo) complemento, *a gente* antecedido por *a gente*, referente [+ indeterminado], entre os falantes do sexo/gênero feminino, da faixa etária mais jovem e menos escolarizados.²

- (18) ele disse rapaz daqui eu já nadava pra um navio – aí a escuna parou eu acho que uns trezentos metros da praia aí tava um barquinho piquinininho – um barco menor vindo buscar *a gente* – aí ele disse vamu pular. (L1L145)

² Para a análise da variação das formas dos pronomes *nós* e *a gente* nas funções sintáticas de complemento e adjunto na fala maceioense, seguimos a descrição realizada por Vianna e Lopes (2012).

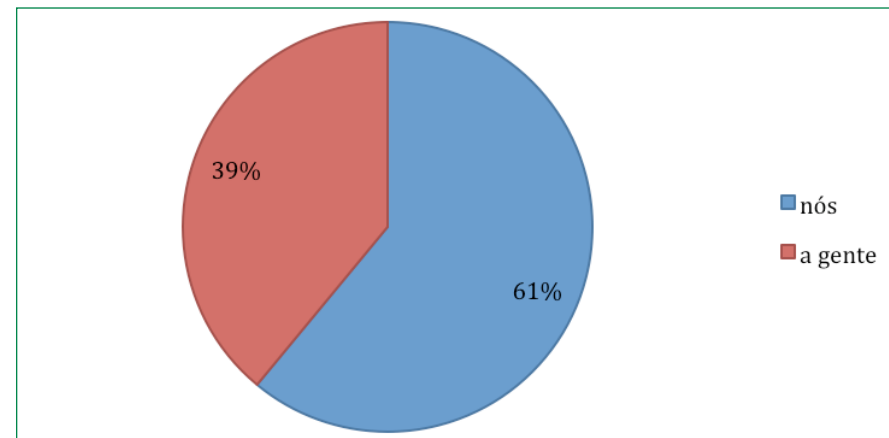
- (19) a gente tem um armazém de construção e tem um ano que a gente abriu /mais, mas/ assim novo no comércio porque a gente não mexia nada em material de construção aí um primo dele *nos* cedeu um funcionário que tinha. (L36L4783)
- (20) eu acho que quando tem que acontecer alguma coisa *com a gente* acontece – seja onde for – que nem o menino no Rio – num sei se você viu a semana passada – tava na igreja quando saiu o cara foi atirar no pai dele e bateu nele. (L10L1470)
- (21) um conhecido *nosso* ele saiu do trabalho ele tava indo uma meia noite mais ou menos – aí foi pegar o corujão – junto cuns outros amigos. (L4L541)

3.1 Variável dependente

Após a análise e rodada dos dados, obtivemos um total de 128 realizações das variantes dos pronomes *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto na fala maceioense, que estão distribuídas da seguinte forma: 78 realizações das formas do pronome *nós* e 50 realizações das formas do pronome *a gente*. Esses dados não só representam percentuais de 61% das variantes de *nós* contra apenas 39% das variantes de *a gente*, conforme observamos no **Gráfico 3**, como também mostram que, nessas funções sintáticas, a variante conservadora ainda é a forma pronominal preferida para a referência à primeira pessoa do plural.

Esses dados confirmam a hipótese de que a variante inovadora *a gente* preferida na posição de sujeito começa a se implementar nas funções de complemento e adjunto na fala maceioense, conforme pontuam Ramos, Bezerra e Rocha (2009), Tamanine (2010) e Vianna e Lopes (2013). Em relação aos grupos de fatores condicionadores na variação *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto, cinco foram considerados relevantes pelo GoldVarb X, seguindo a ordem de relevância do programa: tipos de núcleo, relações gramaticais, paralelismo formal, sexo/gênero e escolaridade.

Gráfico 3 – Percentuais de *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto



3.2 Tipos de núcleo

A primeira variável selecionada diz respeito aos tipos de núcleo aos quais as formas relacionadas aos pronomes *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto estão articuladas. Para tanto, consideramos os predicadores das orações situados no núcleo verbal, como observamos em (22), e os predicadores das orações situados no núcleo nominal, como observamos em (23), e partimos do pressuposto de que as formas pronominais de *a gente* são mais frequentes no interior do sintagma verbal, como observamos em (24), tendo em vista que o pronome inovador encontra sua porta de entrada em relações gramaticais em que há um caráter mais discursivo-pragmático do que sintático (cf. VIANNA; LOPES, 2012).³

³ É importante destacar que, no núcleo nominal, temos apenas as funções sintáticas de (oblíquo) complemento e (oblíquo) adjunto, ao passo que, no núcleo verbal, além dessas funções sintáticas, há as funções de acusativo e dativo (cf. MATEUS et al., 2003; DUARTE, 2011; VIANNA; LOPES, 2012, 2013).

- (22) a gente controlava e ao controlar *nos* colocamos em risco né? (L31L4310)
- (23) é eu acho que aqui atualmente o prefeito daqui tem sido um pouco cuidadoso com a cidade – o *nosso* prefeito tá tentando correr atrás agora. (L5L6860)
- (24) o meu pai coloca grade na casa pra se proteger da violência /mais, mas/ num vai mudar o quadro – isso aí a gente tá tentando preservar *a gente*. (L6L832)

Tabela 6 – Realização de *a gente* na variável núcleo verbal

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Núcleo nominal	14/80	18%	.17
Núcleo verbal	36/48	75%	.93

De acordo com os resultados obtidos, verificamos que as formas do paradigma de *a gente* tendem a ser mais frequentes no núcleo verbal, apresentando um percentual de 75% e um peso relativo de .93, ao passo que o núcleo nominal se comporta como um contexto inibidor dessas realizações, apresentando um percentual de 18% e um peso relativo de .17. Esses dados corroboram os apresentados por Vianna e Lopes (2012), que mostram que a porta de entrada do pronome inovador nas funções de não sujeito ocorre no interior do sintagma verbal, ou seja, nas relações oblíquas por carregarem um teor mais informacional.

3.3 Relações gramaticais

A segunda variável selecionada diz respeito às relações gramaticais que podem ser estabelecidas com as formas dos pronomes *nós* e *a gente*, independentemente do núcleo a que se articulem. De acordo com os dados analisados (**Tabela 7**), observamos quatro possibilidades de funções sintáticas que podem ser exercidas por essas formas pronominais, a saber, acusativo, como observamos em (25), dativo, como observamos em (26),

(oblíquo) complemento, como observamos em (27), e (oblíquo) adjunto, como observamos em (28).

- (25) a gente quer um negócio mais maneiro – aí ele não aí tem – aí ele saiu a procurar de repente o policial empurrou *a gente* segurou *a gente* – aí pegou *a gente*. (L3L454)
- (26) a gente num mexia em material de construção aí um primo dele *nos* cedeu um funcionário que tinha lá. (L36L4783)
- (27) a precariedade em virtude de que não existe uma estrutura – eles cobram muito *da gente* /mais, mas/ a gente merecia muito mais. (L14L2060)
- (28) estava acordada quando o ônibus começou a pegar fogo e não sobrou nada de ninguém né – só a *noossa* vida mesmo. (L9L1300)

As funções sintáticas de oblíquo complemento e de oblíquo adjunto são exclusivamente estabelecidas em relação a núcleos verbais (MATEUS et al., 2003). No caso de núcleos nominais, são estabelecidas relações de complementação e/ou adjunção que, por sua vez, guardam certo paralelo com as relações contraídas no sintagma verbal. Em função dessa proximidade de valores entre (i) oblíquo complemento (e um núcleo verbal) / (ii) complemento nominal (e núcleo nominal), por um lado; e, por outro lado, entre (iii) oblíquo adjunto (e um núcleo verbal) / (iv) adjunto (e núcleo nominal), optamos por indicar as relações de *(oblíquo) complemento* e *(oblíquo) adjunto*, respectivamente, entre parênteses [...] (VIANNA; LOPES, 2012, p. 139).

Tabela 7 – Realização de *a gente* na variável relações gramaticais

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Acusativo	19/21	90	.53
Dativo	2/11	18	.02
(Oblíquo) Complemento	8/13	62	.72
(Oblíquo) Adjunto	21/83	25	.59

De acordo com os resultados obtidos, verificamos que o pronome inovador *a gente* tende a ser mais frequente na posição de (oblíquo) complemento, como observamos em (29), com um percentual de 62% e um peso relativo de .72. Vianna e Lopes (2012) mostram que é essa função sintática que mais favorece o uso da variante inovadora *a gente*. Nossos dados também apresentam que *a gente* tende a ser favorecido também na função de (oblíquo) adjunto, como observamos em (30), com um percentual de 25% e um peso relativo de .59.

(29) *a gente* encontrou um motorista – tinha um motorista que trabalhou *com a gente* que trouxe *a gente* por um tempo que ele detestava os estudantes (L23L3270)

(30) onde é que tem uma padaria pra gente comprar um pão alguma coisa *pra gente* – disse ali tem uma lanchonete (L3L451)

Em relação às funções de acusativo e dativo, como observamos em (31) e (32), respectivamente, verificamos que nesta há um desfavorecimento do uso da variante inovadora *a gente*, com um percentual de 18% e um peso relativo de .02, ao passo que naquela, apesar de apresentar um percentual alto – 90%, temos um comportamento estatístico que se apresenta dentro da margem de erro, apresentando, assim, um peso relativo de .53.

(31) falta tirar *a gente* daquela ribanceira né? (L34L4610)

(32) quer dizer nada contra quem bebe não tou aqui criticando colocando assim situações que as pessoais colocam *pra gente* né? (L70L8803)

Tendo em vista que as relações gramaticas controladas se relacionam tanto ao nível do sintagma verbal quanto ao nível do sintagma nominal, realizamos um cruzamento entre as variáveis relações gramaticais e tipos de núcleo, com o objetivo de verificar em que contexto sintático a entrada de *a gente* é mais limitada ou mais fluida, e obtivemos os seguintes dados:

Tabela 8 – Cruzamento das variáveis relações gramaticais e tipos de núcleo

	Acusativo		Dativo		(Oblíquo) Compl.		(Oblíquo) Adjunto	
	nós	a gente	nós	a gente	nós	a gente	nós	a gente
Núcleo nominal	-	-	-	-	4/80 5%	3/80 4%	62/80 77%	11/80 14%
Núcleo verbal	2/48 4%	19/48 40%	9/48 19%	2/48 4%	1/48 2%	5/48 10%	-	10/48 21%

Esses resultados mostram que, no interior do sintagma nominal, o contexto que menos favorece a entrada da variante inovadora relaciona-se à função sintática de (oblíquo) adjunto, mostrando, assim, um alto percentual do pronome *nós* – 77%, como observamos em (33). Neves (2002), Omena (2003), Rafael (2010), Vianna e Lopes (2012) e Araújo e Almeida (2014) mostram que, nas relações gramaticais de adjunção, as formas possessivas *nosso(s)* e *nossa(s)* se mantêm como a estratégia preferencial para referência à primeira pessoa do plural, configurando-se como um contexto sintático que inibi a entrada do pronome inovador.

(33) tem a segurança que *a gente* fica ali tomando conta do porto – então os funcionários vão embora e quem fica – tudo é *nossa* responsabilidade. (L12L1786)

No que diz respeito ao interior do sintagma verbal, verificamos que *a gente* apresenta maiores percentuais de uso em quase todas as funções sintáticas controladas, com exceção da função de dativo, indicando o núcleo verbal como o contexto que mais favorece a inserção de *a gente* na comunidade estudada. Em relação às outras funções sintáticas, o acusativo é o contexto que mais apresenta realizações de *a gente*, como observamos em (34), apresentando um percentual de 40% e corroborando os dados apresentados por Vianna e Lopes (2012).

- (34) – aí a escuna parou eu acho que uns trezentos metros da praia aí tava um barquinho – um barco menor vindo buscar *a gente* aí ele disse vamos pular. (L1L140)

3.4 Paralelismo formal

A última variável linguística selecionada diz respeito ao paralelismo formal. Em nossa análise não só partimos do pressuposto de que *a gente* tende a ser mais frequente em sequências discursivas precedidas por *a gente*, como também consideramos os seguintes fatores, a saber, realização isolada, com observamos em (35), primeiro da série, como observamos em (36), antecedido por *a gente* sujeito, como observamos em (37), antecedido por *a gente* em outras funções sintáticas, como observamos em (38), antecedido por *nós* sujeito, como observamos em (39), e antecedido por *nós* em outras funções sintáticas, como observamos em (40).

- (35) eu acho engraçado porque as meninas estavam contando na aula – inclusive uma colega *da gente* tava contando isso. (L5L693)
- (36) o prefeito ele falou *pra gente* que ia tirar a gente daquelas barreira. (L34L4599)
- (37) *a gente* subindo a escada tava até desligada o policial encostou *a gente* cum revolver na mão. (L3L456)
- (38) isso não pode isso não é aceito que politicamente não é correto não dá *pra gente* não dá pra o *nosso* grupo. (L67L8230)
- (39) *nós* temos um administrador maior e esse administrador *nos* dá condições materiais e espirituais. (L70L8794)
- (40) é aquele povo falando a língua mãe dele *pra nós* e dizendo *pra nós* da importância de que a cultura precisa passar de um homem para o outro. (L70L8858)

Tabela 9 – Realização de *a gente* na variável paralelismo formal

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Realização isolada	16/41	39	.52
Primeiro da série	1/3	33	.45
Antecedido por <i>a gente</i> sujeito	17/41	42	.54
Antecedido por <i>a gente</i> em outras funções	13/16	81	.88
Antecedido por <i>nós</i> sujeito	1/8	12	.19
Antecedido por <i>nós</i> em outras funções	2/19	10	.16

De acordo com os resultados obtidos, verificamos que a variante inovadora nas funções de complemento e adjunto tende a ser mais frequente quando antecedido por *a gente* em outras funções sintáticas diferentes de sujeito, como observamos em (41), apresentando um percentual de 81% e um peso relativo de .88. Por sua vez, quando a variante inovadora é antecedido por *a gente* sujeito, como observamos em (42), observamos um peso neutro para a aplicação da regra, apresentando um percentual de 42% e um peso relativo de .54. Esses dados vão na mesma direção da análise apresentada por Vianna e Lopes (2012).

- (41) lá é péssimo porque os maconheiros que fuma lá conhece *a gente* mora com *a gente*. (L65L8058)

- (42) bom *a gente* tá tendo pelo menos apoio *pra gente*. (L72L9089)

Em contrapartida, quando *a gente* é antecedido por *nós*, verificamos um desfavorecimento da variante inovadora nas funções de complemento e adjunto na fala maceioense. No contexto antecedido por *nós* sujeito, como observamos em (43), verificamos apenas uma realização e obtivemos um percentual de 12% e um peso relativo de .19 e, no contexto antecedido por *nós* em outras funções sintáticas diferentes de

sujeito, como observamos em (44), registramos duas realizações e obtivemos um percentual de 10% e um peso relativo de .16, mostrando, assim, que são contextos linguísticos que tendem a favorecer o uso da variante conservadora *nós*.

(43) aí *nós* vamos dizer *pra gente* ah *nós* estamos vendendo bastante.
(L42L5472)

(44) a religião é um freio para o *nosso* estado e por isso as pessoas colocam isso *pra gente* né? (L70L8803)

3.5 Sexo/gênero

A variável sexo/gênero foi a primeira variável social significativa na variação *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto na fala maceioense. Tal variável leva em consideração a existência de que homens e mulheres diferem quanto aos usos dos padrões linguísticos tendo em vista seus papéis sociais na sociedade, muito embora, nas sociedades ocidentais, essas diferenças tendem a ser sutis. Todavia, estudos sociolinguísticos tendem a indicar a existência de uma maior sensibilidade das mulheres com relação ao status social atribuído pela comunidade às variantes linguísticas.

Segundo Labov (1994), as mulheres tendem a inovar mais quando a variante linguística não é estigmatizada na comunidade de fala, quando a variante linguística é marcada socialmente, os homens tendem a ser mais inovadores. O autor também destaca que o comportamento linguístico de homens e mulheres também se diferencia quando estamos diante de uma variação estável ou mudança em curso, ou seja, em um processo de variação estável, os homens tendem a ser mais inovadores, enquanto que, em um processo de mudança em curso, as mulheres tendem a inovar mais.

Tabela 10 – Realização de *a gente* na variável sexo/gênero

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Masculino	17/59	29	.29
Feminino	33/69	48	.63

De acordo com resultados obtidos, verificamos que o uso de *a gente* nas funções de complemento e adjunto é mais provável entre os falantes do sexo/gênero feminino, apresentando um percentual de 48% e um peso relativo de .63. Diferentemente, o uso da forma inovadora não é favorecido entre os falantes do sexo/gênero masculino, que apresentam um percentual de 29% e um peso relativo de .29. Esses dados indicam que são as mulheres que utilizam mais o pronome inovador nas funções de não sujeito, caminhando, assim, na direção dos estudos sociolinguísticos que mostram que *a gente* tende a ser mais utilizado pelas mulheres (VIANNA; LOPES, 2015).

Esses dados também corroboram as afirmações de Labov (1972) e Chambers (2002) que pontuam que a variável sexo/gênero atua na propulsão ou retenção de processos que implementam uma nova variante no sistema, pois as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança quando se trata de implementar uma nova forma linguística não estigmatizada socialmente. Isso pode ser um indício de que o uso de *a gente* nas funções de complemento e adjunto na comunidade em estudo não seja estigmatizado e esteja em processo de mudança em progresso, embora a variável faixa etária tenha sido descartada pelo programa GoldVarb X.

3.6 Escolaridade

A segunda variável social selecionada diz respeito à escolaridade dos falantes. Para a nossa análise, consideramos três níveis de escolarização, a saber, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior, e partimos do pressuposto de que essa variável constituiu um fator social significativo na

manutenção de formas gramaticais, o que significa considerar que o uso de *a gente* como complemento e adjunto será mais frequente entre os falantes menos escolarizados, diminuindo o seu percentual de uso à medida que aumenta o nível de escolarização dos falantes.

Tabela 11 – Realização de *a gente* na variável escolaridade

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Ensino Fundamental	20/30	67	.72
Ensino Médio	14/35	40	.68
Ensino Superior	16/63	25	.29

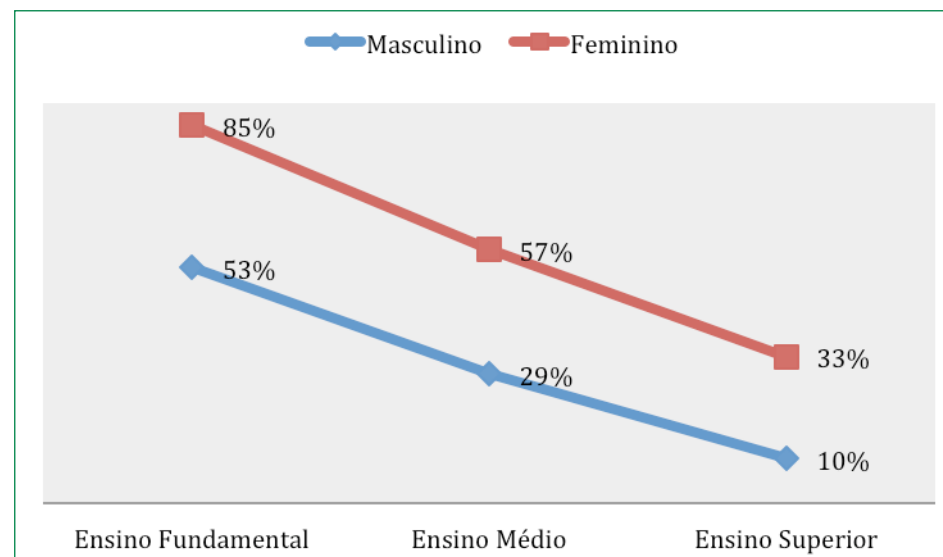
De acordo com os resultados obtidos, verificamos, conforme esperávamos, que a variante inovadora nas funções de complemento e adjunto tende a ser mais frequente entre os falantes menos escolarizados, diminuindo o seu percentual de uso à medida que aumento o nível de escolarização dos falantes. Entre os falantes dos ensinos fundamental e médio, obtivemos, respectivamente, percentuais de 67% e 40% e pesos relativos de .72 e .68, indicando um favorecimento de uso de *a gente*, ao passo que entre os falantes do ensino superior, verificamos um desfavorecimento, com percentual de 25% e peso relativo de .29.

Ainda com o intuito de checar a atuação das variáveis sociais na variação *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto na fala maceioense, realizamos o cruzamento das variáveis sexo/gênero e escolaridade e obtivemos os dados representados no **Gráfico 4**, adiante.

Esses resultados mostram não só que, com o aumento do nível de escolarização, tanto os homens quanto as mulheres diminuem a frequência de uso da variante inovadora, mostrando que a escolarização é um fator social significativo na manutenção da variante conservadora nas funções de complemento e adjunto na fala maceioense, como também que são os falantes do sexo/gênero feminino de todos os níveis de escolarização

que mais utilizam a variante inovadora, o que corrobora a tendência das mulheres de implementar *a gente* nas variedades do português brasileiro (cf. ZILLES, 2007; VIANNA; LOPES, 2015).

Gráfico 4 – Realização de *a gente* nas variáveis sexo/gênero e escolaridade



Considerações finais

A substituição de *nós* por *a gente* na posição de sujeito tem sido objeto de diversos estudos sociolinguísticos que mostram que, nas variedades brasileiras, *a gente* é o pronome utilizado para representar a primeira pessoa do plural, todavia, há localidades que carecem de descrição sistemática, é o caso, por exemplo, da cidade de Maceió-AL. Tentando suprir essa lacuna, descrevemos e analisamos a variação dos pronomes *nós* e *a gente* tanto na

função de sujeito quanto nas funções de complemento e adjunto na fala maceioense. Para tanto, seguimos os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e utilizamos o programa computacional GoldVarb X para a análise estatística dos dados.

Em relação à variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito, verificamos que *a gente* é a variante selecionada – 84% versus 16% de *nós*, sendo essa variação condicionada pelas variáveis marca morfêmica, paralelismo formal, preenchimento do sujeito, escolaridade e faixa etária, com a variante inovadora sendo mais frequente nos seguintes contextos, a saber, morfema zero, *a gente* antecedido por *a gente*, sujeito preenchido, falantes menos escolarizados e falantes mais novos, revelando um processo de mudança em curso, conforme pontuam os estudos sociolinguísticos para as variedades brasileiras descritas.

No que diz respeito à variação *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto, verificamos que as formas da variante conservadora apresentam um percentual maior de realização, mas já há a implementação das formas de *a gente* nessas funções sintáticas, sendo essa variação condicionada pelas variáveis tipos de núcleo, relações gramaticais, paralelismo formal, sexo/gênero e escolaridade, com o pronome inovador sendo mais frequente nos seguintes contextos, a saber, núcleo verbal, função sintática de (oblíquo) complemento, *a gente* antecedido por *a gente* em outras funções sintáticas diferentes de sujeito, falantes do sexo/gênero feminino e menos escolarizados.

Referências

ARAÚJO, Silvana; ALMEIDA, Rosiane. A forma possessiva *da gente* em comunidades rurais do semiárido baiano. In: ALMEIDA, Norma; CARNEIRO, Zenaide (Org.). *Variação linguística no semiárido baiano*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014. p. 137- 173.

CHAMBERS, Jack. Patterns of variation including change. In: CHAMBERS Jack; TRUGDILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie (Org.). *The handbook of language variation and change*. Oxford UK: Blackwell Publishing, 2002. p. 349-372.

DUARTE, Eugênia. Termos da oração. In: VIEIRA, Silvia; BRANDÃO, Silvia (Org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 185xx-203.

FERNANDES, Eliene. Fenômeno variável: *nós* e *a gente*. In: HORA, Dermeval (Org.). *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa, 2004. p. 149-162.

FRANCESCHINI, Lucelene. *Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia-SC*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

LABOV, William. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford, Blakwell Publishers, 1994. Vol. 1.

LOPES, Célia. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *DELTA*, v. 14, n. 2, p. 1-15, 1998.

_____. De gente para a gente: o século XIX como fase de transição. In: ALKIMIM, Tânia (Org.). *Para a história do português brasileiro: novos estudos*. São Paulo: Humanitas, 2002. p. 25-46.

_____. A gramaticalização de a gente em português em tempos real de longa e curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 47-80, 2004.

_____. Pronomes pessoais. In: VIEIRA, Silvia; BRANDÃO, Silvia (Org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 103-119.

_____. O quadro dos pronomes pessoais: descompasso entre pesquisa e ensino. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 30, p. 116-141, 2012.

MAIA, Francisca. A variação *nós/a gente* no dialeto mineiro: investigando a transição. *Revista da ABRALIN*, v. 8, n. 2, p. 45-70, 2009.

MARCOTULIO, Leonardo; PINHEIRO, Igor; ASSIS, Dalila. A relação entre pesquisa e ensino: o quadro de possessivos do português. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 51, p. 239-260, 2015.

MATEUS, Maria; BRITO, Ana; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

MENDONÇA, Josilene. *Variação na expressão da 1ª pessoa do plural*: indeterminação do sujeito e polidez. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, 2016.

NEVES, Maria. Possessivos. In: CASTILHO, Ataliba (Org.). *Gramática do português falado*. Vol. III: As abordagens. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 149-211.

OMENA, Nelise. *Projeto subsidies sociolinguísticos do projeto censo à educação*. Vol. II. Relatório final apresentado ao FINEP, out. 1986.

_____. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA E SILVA, Giselle; SCHERRE, Marta (Org.). *Padrões sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 1996. p. 286-319.

_____. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: PAIVA, Maria; DUARTE, Eugênia (Org.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. p. 63-80.

RAFAEL, Noelma. *Variação, mudança e ensino: o caso dos pronomes possessivos ‘da gente’ e nosso(a)(s) em uma abordagem sociofuncionalista*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.

RAMOS, Conceição; BEZERRA, José; ROCHA, Maria. Do nosso cotidiano ou do cotidiano da gente? Um estudo da alternância *nós/a gente* no português do Maranhão. *Revista Signum*. Londrina, v. 12, n. 1, p. 279-292, jul. 2009.

RUBIO, Cássio. Decisões metodológicas no estudo de fenômenos variáveis de primeira pessoa do plural. *Anais do XVII Congreso Internacional de Linguística y Filología de América Latina (ALFAL)*. João Pessoa: Paraíba, 2014.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SANTOS, Kelly. *Estratégias de polidez e a variação nós vs. a gente na fala de discentes da Universidade Federal de Sergipe*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, 2014.

SEARA, Izabel. A variação do sujeito *nós* e *a gente* na fala florianopolitana. *Organon*. Porto Alegre, v. 14, n. 28/29, p. 179-194, 2002.

TAMANINE, Andréa. *Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba – PR*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

VIANNA, Juliana; LOPES, Célia. A competição entre *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto: desvendando outras portas de entrada para o pronome inovador. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 137-161, 2012.

_____. Implementação de *a gente* nas funções de acusativo, dativo e obliquo: reflexões, propostas e primeiros resultados. *Linguística*, v. 29, p. 11-36, 2013.

_____. Variação dos pronomes “*nós*” e “*a gente*”. In: MARTINS, Marco; ABRAÇADO, Jussara. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 109-131.

VITÓRIO, Elyne. A variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito na fala de crianças da cidade de Maceió/AL. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, v. 9, n.14, p. 126-141, 2015.

VOTRE, Sebastião. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria; BRAGA, Maria (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 51-57.

ZILLES, Ana. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de *a gente*? *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, jun. 2007.

Recebido em 30/07/2016.

Aceito em 15/01/2017.